

**RESIDÊNCIA EDUCATIVA NO SESC POMPÉIA.
RELATOS E REFLEXÕES. 2016 A 2018.**

**ART EDUCATION RESIDENCY AT SESC POMPEIA.
REPORT AND REFLECTION. 2016 TO 2018.**

Bianca Panigassi Zechinato / Deriva Coletivo

RESUMO

Esse artigo discute o projeto de Residência Educativa realizado no Sesc¹ Pompéia como uma proposta de criação de uma nova estrutura de contratação e atuação dentro de exposições de arte de pequeno porte abrigadas pela unidade, assim como seu panorama histórico e artístico enquanto patrimônio. Para tanto, relatos e reflexões de educadores artistas integrantes do Coletivo Deriva foram reunidos afim de registrar experiências e elucidar as questões dos três momentos do projeto, de 2016 a 2018.

PALAVRAS-CHAVE: residência educativa; Arte educação; Sesc Pompéia; Arte Educador; Educador artista.

ABSTRACT

This article discuss the project "Educational Residence" happened at Sesc Pompeia as a proposal to create a new structure for art educators to be hired and act within exhibitions and also the historical and artistic panorama of the Pompeia complex. In order to do so, reports and reflections of educators who are members of the Deriva Collective are gathered to record experiences from the three moments of the project, from 2016 to 2018.

KEYWORDS: Art education residency; Art education; Sesc Pompeia; Educator; Artist educator.

[...] Daí que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos - como “projetos” - como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça a morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. [...] Mas, como não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo. Daí que este ponto de partida esteja sempre nos homens no seu aqui e no seu agora que constituem a situação em que se encontram ora imersos, ora emersos, ora inseridos. (FREIRE, 2014 p.102 e 103)

“Quando vi no meu crachá a palavra ‘Artista Educadora’ senti que algo estava mudando.”² Em 2013 o Sesc Pompéia contratou a primeira equipe de artistas educadores para trabalhar na exposição “O interior está no exterior”, além de visitas aos trabalhos espalhados pela unidade com público agendado e espontâneo, das propostas poéticas realizadas a partir das obras dos artistas, esse termo nos abria a possibilidade de explorar nos nossos processos de pesquisa e criação os entrecruzamentos com o público, obras e histórias expostas. As oficinas e propostas autorais começaram a carregar o nome do profissional que as criara em suas introduções e na programação da unidade, conscientizando o educador a levar as propostas criadas como parte de seu portfólio para outras experiências, modificando também a visão de sua produção dentro do setor educativo da exposição ao entender o projeto em que haviam participado como um projeto de carreira, que haviam desenvolvido partes de sua pesquisa além de alimentarem as demandas institucionais de PCG³ e pesquisas de público.

Ainda que experimental aquela proposta gerou para a unidade a semente de um projeto maior. Em meio às novas exposições e às contratações através da terceirização de empresas de arte educação, os projetos foram criando um modelo de ação que poderia expandir para além das paredes da exposição e da poética do artista e ao se alimentar delas encontrar no público as somatórias para uma experiência única em mediação.

Em 2015 a unidade recebeu a exposição “Terra Comunal: Marina Abramovic + MAI”, essa mostra contava com trabalhos históricos da performer, um espaço reservado para “O Método Abramovic”, além da ocupação de demais espaços da unidade Sesc Pompéia por outros performers em ações de longa duração. Dentro daquele

contexto, cerca de um mês de formação com os educadores e dois meses de mostra, foram desenvolvidas projetos autorais de equipe que, após passado o período de exposição, finalizados dentro da unidade mas continuando a se propagar fora dela.

Daquela equipe de profissionais vindos da área da pedagogia, história, arte, arte educação, dança, dramaturgia, artes do corpo, ciências sociais e cinema, surgiram coletivos e projetos para outros espaços, pesquisas rendidas pelo encontro proporcionado naqueles meses de efervescência em produção artístico educativa. Ali também surgiu o Coletivo Deriva, nome escolhido pelo grupo sugere a disposição em transitar, encontrar e reencontrar maneiras de se estabelecer e refletir sobre o trabalho em arte educação em espaços não formais e formais. Nos fluxos dos projetos que foram surgindo nós, em diálogo presente continuávamos a trocar experiências, escrever propostas, atuar em projetos de exposição e oficinas, trabalhando juntos em outras camadas de contratação. Sempre em diálogo com demais colegas da rede, todos amadureciam seus trabalhos, se fortalecendo e encontrando novas estratégias para atuar nas instituições. Ainda que em meio a projetos temporários de contratação, conseguimos realizar formação de educadores estagiários, criar propostas de ação institucional e trazer novos olhares para outras unidades Sesc, a partir da experiência anteriormente vivenciadas.

É importante salientar que a transitoriedade do profissional nas instituições acarreta o “retorno à estaca zero”, retomando políticas institucionais padrões (como o entendimento de educador como “salvaguarda” de obras), gerando novas configurações de equipe, quebra no amadurecimento de processos já iniciados e que muitas vezes ficam por finalizar. Além da iminência do desemprego, sendo necessário dos profissionais, por vezes, a dobrarem turnos em dois ou mais projetos ou ficarem meses a espera de novas vagas abertas. Essa transitoriedade também reflete na instituição, que tende a perder um histórico de projetos bem sucedidos com o público e equipes.

Em meio a essa realidade, nos parecia uma guinada institucional quando ouvimos sobre o projeto que estaria pretendendo contratar educadores na unidade da Pompéia por um tempo mais longo e com uma configuração diferenciada de equipe. Em 2016, a técnica de programação da unidade Pompéia responsável pelo setor

educativo de exposições, Cibele Camachi iniciou com os demais técnicos e coordenação de programação o projeto de “Residência Educativa”. Essa mesma técnica fora responsável por aquelas experimentações citadas anteriormente, projetos que retiravam esse educador de sua função padrão (salvaguarda de obras) e o encarava como um proponente de criação junto à exposição e ao público, possibilitando que sua pesquisa autoral ou prática poética pudesse se fundir às questões levantadas pela exposição, assim como compreendendo o público como coautor de propostas.

De “artista educador”, em 2013, encontramos na fala de Cibele uma escolha que seguiria outro entendimento, o “educador artista”, profissional vindo de diversas áreas do conhecimento é compreendido como um educador em primeira instância, cuja possibilidade de atuar e ampliar seus processos criativos e sua pesquisa o pudesse identificar como também artista.

De modo notadamente privilegiado, a educação em exposições de artes possui como uma de suas características mais marcantes a multidisciplinaridade. Nela atuam profissionais vindos de diferentes áreas de conhecimento: artes visuais, cênicas, audiovisual, história, ciências sociais, filosofia, letras, geografia e até mesmo a biologia. Tudo isso para que a arte esteja apta a dialogar com o público em diferentes frentes e formas, com discursos que possam perpassar diferentes aspectos das vidas das pessoas que visitam uma exposição. De fato, esse é um ponto em que as artes visuais estão na vanguarda em termos educacionais. Assim, é válido perguntar: quando será possível pensar na atuação de um multieducador em uma aula de matemática, por exemplo? É difícil prever, pois, apesar das evidências da importância da imaginação, da subjetividade e da criatividade nas áreas científicas, em termos educacionais nenhuma das ciências conseguiu ainda o aval só dado à arte: o da liberdade de criação. Por essa posição privilegiada, é na educação em artes que o princípio da criação se torna um pressuposto. (CAMACHI, 2017, p. 11 e 12)

O educar para a arte se expande para nos conscientizarmos como criadores e produtores de cultura, agentes de processos criativos do público, do entendimento das obras e de nós mesmos. Na citação de Lina Bo Bardi⁴, a visão da arquiteta ao compreender o espaço construído como espaço das relações, dos encontros, e em especial, os galpões e o complexo esportivo da Fábrica de Cultura e Lazer da Pompéia⁵ como um espaço de construção e conscientização cultural.

Na Pompéia pretende-se que os indivíduos pensem e façam cultura. O contato com os produtores culturais e com suas realizações além de ser um valor em si mesmo, constitui o primeiro passo para que as pessoas comuns, engajadas em diferentes profissões e atividades se transformem, elas também, em produtores culturais. Aliás, acerca desse assunto, talvez seja mais acertado dizer que antes de tudo torna-se necessário alertar às pessoas de que elas, de uma forma ou de outra, já são produtoras de cultura, sem que disso tenham uma consciência muito nítida. Trata-se, enfim, de tornar claro para os indivíduos o potencial criador de que são portadores, assim como favorecer sua concretização. (BO BARDI, s/d)⁶

Nesse sentido, podemos traçar nesse paralelo espaço arquitetônico, espaço expositivo, espaço educacional, as tantas formas possíveis de encontros, com as proposições da Residência Educativa e até mesmo nossos desejos enquanto coletivo e profissionais da arte educação: o que nos tensiona e repensar o ser e fazer arte e educação nos atuais tempos. De importância a lembrar o ato de assumir-se, como diz Freire, um ser atuante, consciente e crítico.

[...] Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade do eu. (FREIRE, 2014, p.42)

Residência Educativa em três tempos Primeiro Tempo (por Midien Marcelino e Sylvia Sato)

O projeto idealizado pela técnica de programação Cibele Camachi, na unidade Sesc Pompeia, iniciou no segundo semestre de 2016 com um grupo conciso e plural, composto por educadores artistas de diversas áreas do conhecimento (artes visuais, ciências sociais, pedagogia, teatro) e um grupo de orientadores de público, nomeados "conversadores", eram incumbidos na parceria com os educadores artistas das responsabilidades e demandas do espaço expositivo.

O convite para compor esse seleto grupo de profissionais que atuaram por aproximadamente 6 meses na instituição levantou uma certa alegria e esperança de que um novo modelo de projeto educativo estivesse surgindo. Toda mudança efetiva requer esforço das partes componentes, bem como o desejo de alcançar um objetivo em comum. Entretanto, por mais que houvesse um esforço e desejos por

parte da programadora já citada, há ainda uma resistência institucional que engessa os processos criativos e inovações.

Entre os educadores artistas, a equipe era composta por três "educadores residentes" e dois "educadores auxiliares", de início essas nomenclaturas (residentes/auxiliares) causaram estranhamento, pois se entendia que em algum nível se daria diferença nas funções atribuídas aos profissionais, para além do salário. O que, por fim, não se dava na prática. Como a dinâmica de trabalho se pautava numa espécie de autogestão, (não havendo a figura da supervisão de equipe e tendo a coordenadora direta como a técnica de programação da unidade e idealizadora do projeto), por algum tempo entendeu-se que os educadores residentes eram os responsáveis pelas demandas relacionadas à figura do supervisor, tais como: organização de escala; calendário de atividades/ propostas; materiais; orçamentos e recursos para realização das propostas de ação educativa. Além do discurso de que os educadores residentes seriam os responsáveis pela criação das propostas e ações desenvolvidas pela equipe.

Assim, antes mesmo do primeiro mês de trabalho, era perceptível a não possibilidade de que somente algumas pessoas pudessem desenvolver ações, seria para isso necessário tolher os processos criativos dos educadores auxiliares, já profissionais que possuem experiência sólida em arte-educação e também produções pessoais, relegando aos mesmos, tão somente a reprodução de algo que outro produziu/criou? Essa foi uma das primeiras questões a serem discutidas e compreendidas pelo grupo, de forma a se fazer pensar e tentar entender o que seria efetivamente a Residência Educativa.

Todos os educadores - residentes e auxiliares - produziram igualmente, sem a restrição da "não produção", nem a obrigação de reproduzir uma proposta da qual o educador não participou da criação, ou que não se identificava com a mesma. Assim, indagou-se o porquê das nomenclaturas diferentes para funções que na prática, quase não mostravam diferença, visto que até mesmo as questões de ordem burocrática passavam pelo crivo de todos educadores envolvidos no processo; em exceção das atribuídas pela coordenação diretamente aos educadores residentes, conferindo então, de alguma forma fazeres que justificassem aquele lugar. De fato, essa foi uma das questões revistas no projeto, ela reflete a

necessidade de estarmos atentos aos nomes conferidos aos profissionais, e não esquecer que eles determinam lugares de ação e sugerem hierarquias.

Portanto, um dos eixos norteadores da residência artística educativa deve ser a possibilidade de criação e o estímulo ao cruzamento entre a criação pedagógica e artística, transformando educadores em educadores-artistas, e não o contrário (arte-educador ou artista-educador). Assim, cada educador terá o aval para criar e colocar em prática suas ações junto ao público a partir de um repertório de ações baseadas nas suas experiências anteriores como educador e a partir da sua formação. (CAMACHI, 2017 p.12)

Uma das funções primeiras da equipe de educadores era o preparo de visitas mediadas/compartilhadas com o público agendado e espontâneo, oficinas e intervenções poéticas que ocupassem os espaços das exposições. Posteriormente, iniciaram as experimentações em relação às visitas patrimoniais à unidade, necessitando então um tempo maior de pesquisa para alinhar propostas e processos, nesse tempo de pesquisa específica do patrimônio pela equipe de educadores, era a equipe de conversadores que ficava grande parte do tempo no espaço expositivo, fazendo a linha de frente no acolhimento ao público, tendo como base informações mais técnicas sobre a exposição vigente e salvaguardando das obras em exposição.

Em determinado momento também se repensou, quem seria e o que realmente fazia este profissional nomeado como "conversador", uma vez que em teoria, ele era mais que um orientador de público contratado pelo Sesc, visto que esse cargo existe no atendimento ao público em geral das unidades, porém na exposição o trabalho se torna mais específico, visando a segurança dos objetos presentes naquele espaço em primeira instância. Esse profissional não era um educador formado, com experiência e produção em arte-educação, mas também não era um estagiário da área. Estaria ele, no lugar do educador informal, aquele que nos atravessa no dia a dia de maneira coloquial? Para a equipe também não era clara sua função e as diferenças entre seu trabalho e o trabalho dos educadores como mediadores no espaço expositivo. O que gerou ruídos na comunicação e no fluxo de trabalho, de modo a suscitar as questões: "quem ocupa o lugar de conversador? Uma pessoa com formação específica em eventos, educação, artes?", Qual a responsabilidade do conversador na formação do público?

Todavia, podemos pressupor, por exemplo, nas ações educativas em exposições, que todo educador é mediador, mas nem todo mediador é educador[...] Nesta tarefa, devem estar empenhados todos os envolvidos no projeto da exposição, sendo os educadores uma parte desse todo. Ainda, é importante apresentar e ressaltar as diferentes funções de cada um desses agentes, para inclusive cobrar-lhes as suas responsabilidades perante o público, que se não é o fim em si do trabalho do artista, é parte consideravelmente relevante em termos de números de visitantes e investimento financeiro disponibilizado para a empreitada. (CAMACHI, 2017 p. 8 e 9)

Estas foram as questões mais latentes dentre as que surgiram ao longo do processo do primeiro momento da Residência, que nortearam inclusive, novos entendimentos e mudanças nas residências que seguiram, e que de certa forma contribuíram para o amadurecimento do projeto.

Segundo Tempo (por Bianca Zechinato)

De março a agosto de 2017 aconteceu a segunda equipe da Residência Educativa para atuar na exposição “18 anos de Fiteiro Cultural”, de Fabiana de Barros, que acontecia no galpão das oficinas do Sesc Pompéia . A estrutura da equipe categorizava os profissionais em:

Educador 1: responsável pela escalas trabalho de equipe e reuniões com o técnico responsável, visitas mediadas na exposição, pesquisa e criação de propostas, formação da equipe de Conversadores, pesquisa e visitas sobre o patrimonial artístico e histórico do Sesc Pompéia, criação de planilha orçamentária de materiais, salvaguarda e mediação de obras no espaço expositivo;

Educador 2: visitas mediadas na exposição, pesquisa e criação de propostas, pesquisa e visitas sobre o patrimonial artístico e histórico do Sesc Pompéia, criação de planilha orçamentária de materiais, salvaguarda e mediação de obras no espaço expositivo;

Conversadores: equipe formada por 3 profissionais da área de eventos, responsáveis por serem salvaguarda e mediação de obras no espaço expositivo, ficarem no espaço expositivo quando houvesse reuniões de equipe, convidar público para as oficinas e ações da equipe.

Ainda que a residência já estivesse em seu segundo ano de ação dentro de projetos de exposição, e já atuando com o patrimônio como uma das vertentes, os educadores escutariam a expressão “experimental”, um projeto que está em teste, um projeto que não é fixo, ou não se sabe se o desejo de tornar a contratação daquela equipe por um ano conseguiria ser realizado. Como poderia a instituição planejar para sua frente de atuação em educação uma novidade quando contrata uma equipe extremamente especialista como os educadores da residência, enquanto em paralelo contrata outra equipe⁷ onde se mantém os antigos moldes de coordenação/ supervisão/ educadores? Esse aspecto mostra o quão frágil era o projeto. E ao mesmo tempo ele expandia a ação dos educadores residentes a ponto de poder ter seu trabalho confundido como técnico de programação, ou produtor cultural. Visto que em seu escopo de trabalho ele realiza a manutenção e salvaguarda de obras, desenha e projeta materiais de apoio para a mediação e para a comunicação, pesquisa e traça o histórico patrimonial, realiza visitas com especialistas na área arquitetônica e outras, mediar as obras da exposição vigente.

Ainda que estivesse delimitada em três categorias, no dia a dia as funções foram se mesclando, o interesse em ser parte das propostas e cumprir as demandas falava mais alto que a categoria de trabalho. As propostas de ações foram em sua maioria coletivas, tendo algumas de aspectos mais autorais e que também contaram com toda a equipe para sua realização; as formações com a equipe de conversadores fora dividida entre todos os educadores residentes, podendo cada um trazer de sua própria experiência novas questões a discutir; nas oficinas a equipe de conversadores também participava, auxiliando na montagem e desmontagem do espaço, organização dos materiais e mediação dos ateliês abertos, assim como participando de oficinas mais pontuais, como o caso do “Fio a fio” (proposta criada pela educadora Maíra Vaz Valente em que, num tecido amplo o público se reunia para ensinar e aprender a fazer bordados ou crochês enquanto conversava), nessa proposta todos puderam aprender com o público de alunas das oficinas de costura e tecelagem, que eram as mais experientes no fazer com linhas, e ao mesmo tempo havia também espaço para os iniciantes, gerando um ir e vir de saberes entre gerações e contextos de públicos diferentes.

É de se notar que, para que todas as demandas de um projeto como o da residência possam ser atendidas é necessário que a equipe contratada tenha experiência e saiba trabalhar de modo a gerir o espaço/tempo de seu processo criativo e da equipe, assim como também das demandas da instituição. Por isso se entende que essa equipe seja especializada, o fato de não ter uma figura de coordenador diretamente focada no projeto pode ser um dos pontos frágeis da proposta, sendo que o técnico de programação responsável pela equipe de residentes e outras equipes de educativos presentes na unidade divide seu tempo entre essas e outras demandas de produção da unidade.

São vários os sintomas que demonstram o entendimento atual dentro da instituição ao contratar educadores. Após o mês de julho, quando a exposição “18 anos de Fiteiro Cultural” finalizou, era um risco ser cortada a verba do projeto da residência educativa para outras demandas institucionais e os educadores residentes terem que sair em meio a contrato. Uma das causas de permanência da equipe foi o foco dado da equipe às visitas patrimoniais, ao perceber e atender a demanda de arquitetos, engenheiros, designers, professores e estudantes de graduação de diversas áreas, além de usuários Sesc, estrangeiros e pessoas de outros estados do Brasil. Foi então que o projeto das visitas e ações patrimoniais se descolou da residência educativa, virando em si uma demanda exclusiva e o entendimento da unidade agora como “obra de arte”, projeto de Lina Bo Bardi, e tombado pelo CONPRESP⁸ em 2009 e pelo IPHAN⁹ em 2015. O material histórico e patrimonial da unidade se tornou primeiro plano nas pesquisas e ações da equipe e a visita patrimonial virou então âncora para a permanência daquela equipe que, após agosto de 2017, fora contratada de maneira mais pontual, com pequenos contratos e horários específicos, que foram se somando até abril de 2018.

Terceiro Tempo (por Maria Meskelis)

A III edição da Residência Educativa Sesc Pompeia iniciou em março de 2018, com previsão de término ao final de junho de 2018. Com a participação de 5 educadores residentes e 3 estagiários, neste momento estabelece-se a horizontalidade na função do educador residente e é adicionada a figura do estagiário que, em tese, desempenharia a função de mediador de público e de salvaguarda de obras no

espaço expositivo. A vinda da equipe de estagiários foi um ganho no projeto, que mesmo que contando com excelentes profissionais nomeados “conversadores”, não tinha no seu escopo a formação de estudantes da área, que pudessem atuar com os educadores residentes. Com o entendimento da instituição nessa proposta de trazer poucos estagiários para o projeto, a figura do “conversador” cai, e temos então a compreensão de uma equipe com profissionais e aprendizes.

Dois projetos estão vinculados a essa edição da residência: a exposição “A Longa Noite” da artista visual Lucia Koch que ocupa o hall do teatro e as Visitas Patrimoniais à unidade. Dentro desses projetos a Residência Educativa deve desenvolver pesquisas, roteiros de visitas, atividades e materiais educativos. Para além desse escopo convencional é solicitado que os educadores desenvolvam pesquisas ligadas a uma reflexão sobre os processos educativos, artísticos e culturais, dentro de uma perspectiva multidisciplinar e criativa.

O nome educador artista é colocado em discussão em alguns momentos, mas não é totalmente absorvido, visto que não existe uma reflexão mais aprofundada e/ou “consciente” sobre as implicações dessa nomenclatura e que existem pessoas na equipe que não se identificam com o termo. No entanto, o fazer diário está mais próximo do conceito educador artista do que do conceito de educador mediador. Nas primeiras reuniões com Cibele Camachi, técnica responsável pelo projeto, fomos estimulados a pensar em uma espécie “curadoria” da residência educativa, termo que utilizado para se referir as escolhas de abordagens, metodologias e pesquisas individuais e/ou coletivas que seriam desenvolvidas durante a residência. Logo a equipe depara-se com a complexidade de pensar uma curadoria educativa dentro do período de formação de duas semanas e em uma perspectiva de trabalho de apenas quatro meses. Naquele momento alguns acontecimentos foram fundamentais para que, minimamente, fosse possível a apresentação de alguns eixos curatoriais da residência, foram eles: breves conversas com a Cibele Camachi sobre sua concepção do projeto, relatos compartilhados com a equipe pela educadora artista Maria Meskelis - originários de trocas de vivências praticadas pelo Coletivo Deriva - e um dia de trocas e apresentação da II residência com a artista educadora Bianca Zechinato durante a formação.

Outra questão importante na escolha dos eixos curatoriais foi a iminente transferência de unidade da técnica Cibele Camachi. Pessoa que estava à frente dos projetos educativos nas exposições de arte no Sesc Pompeia a pelo menos 7 anos, que de certa forma detinha todo o histórico e expertise do setor dentro da unidade e era também a proponente do projeto da Residência Educativa. Dentro dessa perspectiva a equipe teve receio que com a saída da técnica perdessem-se processos históricos dos educativos que por ali passaram durante esse período da unidade. Diante desses fatos, a equipe elencou que os eixos curatoriais mais pertinentes àquele momento do projeto seriam: o resgate e a organização de produções existentes de equipes educativas que já haviam passado pela unidade, resgate e continuidade das pesquisas e processos das residências I e II, organização e uniformização de materiais desenvolvidos pelas equipes das residências I e II, aprofundamento nas pesquisas sobre o Sesc Pompéia enquanto obra /patrimônio e a criação de programações paralelas que abrissem espaços de diálogo e expressão entre profissionais da área.

Ao lidarmos com os planejamentos e demandas diárias, começamos a entender que os possíveis recortes curatoriais necessitavam de tempo para serem expressos. Era necessário compreender: os conteúdos, o projeto, as edições anteriores, as programações paralelas, a expectativa da instituição e fundamentalmente nos conhecermos e reconhecermos enquanto equipe. Durante o período de formação da equipe também era necessário a formulação e apresentação da programação/atividades para o mês subsequente, ajudar na formação da equipe de estagiários e elaborar escalas e processos de trabalho.

Ao final desse período ocorreram simultaneamente: a abertura da exposição “A Longa Noite”, onde iniciamos o atendimento ao público e a ajuda na cobertura do espaço expositivo (a equipe de estagiários não era suficiente para cobertura integral), o início do atendimento ao público nas visitas patrimoniais, a tutoria da equipe de estagiários e a saída da técnica responsável pelo projeto. O projeto curatorial da equipe necessitou ser pausado, para dar atenção às demandas “urgentes”. Foi necessário também certo tempo para compreensão de como ficaria o projeto com a saída de sua mentora.

O educador residente necessita essencialmente possuir a capacidade de autogestão. Esse item é primordial para a organização de suas diversas demandas que vão desde planejamento, programação e organização de processos burocráticos até pesquisas, poéticas, produções e convivência. Esse perfil de educador é de certa forma um reflexo de escolhas e posicionamentos políticos e econômicos que a instituição e/ou gestores vêm realizando a algum tempo. A equipe entende que a “polivalência” é característica inerente ao projeto e cria suas próprias estratégias, segue realizando as atividades propostas e aprovadas pela instituição, buscam entrosamento dentro da diversidade, compartilham saberes, revelam suas pesquisas pessoais, discutem, comungam de alguns interesses comuns.

Neste momento existe certo equilíbrio e é possível retornar ao eixo curatorial, agora ainda mais claro, tendo em vista o quão notório é a dificuldade da instituição de enxergar os processos que abriga e de cuidar de sua memória. Principalmente os processos e produções “invisíveis”, ou seja, aqueles que não possuem apelo de público. Por exemplo, as pesquisas que geram um melhor atendimento dos diversos públicos, a produção de programações paralelas de qualidade com uma equipe interna - gerando economia de contratações de terceiros e consistência nas propostas - e o acúmulo de capital informacional para a instituição.

Neste momento configura-se um grande desafio tornar os pontos fundamentais da Residência Educativa visíveis, que o projeto estenda-se para além de um desejo individual e que seja compreendido como potencialidade dentro da instituição, estabelecendo diálogo com suas diversas áreas e que, de certa forma, sirva como base para um pensamento educativo integrado que vá além do discurso institucional politicamente correto.

Reflexão final

O entendimento e a reflexão dos técnicos de programação responsáveis por formações de equipe nas instituições como o Sesc tem alta relevância no processo de formação institucional como um todo. Reuniões com as equipes de educadores, a contínua reflexão sobre as estratégias pedagógicas e o acompanhamento de visitas, oficinas e projetos mantém o trabalho vivo como um órgão maior na instituição, que assim como todos, está em formação.

É importante frisar que a proposta da Residência Educativa, ao permitir que os educadores artistas tenham espaço para dividir com o público seus processos de criação, a mesclando com a poética do artista em exposição, é uma grande oportunidade para valorizar e dar espaço e voz ao trabalho do educador artista. Sem dúvida, esta é uma experiência que gera aprendizado individual e compartilhado, amadurecendo a atuação em arte-educação. Além disso, o projeto tem potência para levantar questões em relação a profissionalização do educador dentro da instituição.

Questionar seu lugar de ação é o primeiro momento, como se configura a equipe, quem a compõe. Quando falamos de educação em espaços expositivos, nossos nomes são diversos, atribuímos a eles diferentes responsabilidades, e muitas vezes agimos como o melhor profissional que podemos agir. Como esperar de uma equipe composta hierarquicamente num projeto que pretende ser revolucionário em seisc, que essas hierarquias não caíssem? No dia a dia, na mediação, construção e produção com as obras, espaço e público, as linhas verticais entre nós alcançaram a horizontalidade. Em questão de processo educacional criativo, tudo tem seu máximo valor.

Os questionamentos ainda giram em torno do que efetivamente o projeto da Residência Educativa se difere de outros projetos encontrados em espaços culturais, qual a potencialidade desse projeto? O que se pode construir ocupando esse lugar, que, ainda que seja em longo prazo, continua sendo temporário? Estamos conseguindo resgatar e manter a memória do que foi feito, amadurecendo as primeiras questões apresentadas, e dando espaço para novos questionamentos, ou continuamos esbarrando nas mesmas? Percebe-se que as experiências das equipes geraram movimentos que modificaram as características iniciais do projeto, hoje os educadores se debruçam sobre o patrimônio cultural da unidade Pompéia, mas até que ponto isso descaracteriza a ideia de residência educativa?

Se analisarmos o atual cenário da educação não formal, dentro dos espaços de arte-educação, principalmente, identificaremos um distanciamento das lutas ganhas até então, estamos infelizmente caminhando a passos largos em retrocesso. E um projeto como esse pode ajudar a respaldar e fortalecer a função de educador artista/ artista educador/ mediador, em tempos dos quais o desmonte da cultura, educação

e arte, é ferrenho. Dando força a uma luta de mais de vinte anos, para o reconhecimento enquanto classe de trabalho e profissionalização do educador.

Notas

¹ Ver sobre Sesc em <http://www.sesc.com.br/portal/sesc/>

² Relato da educadora residente Bianca Zechinato, 2018.

³ Programa de Comprometimento e Gratuidade.

⁴ (1914- 1992) Arquiteta responsável pela reestruturação dos pavilhões da fábrica de Tambores no atual complexo arquitetônico da Fábrica da Pompéia, encontramos o entendimento amadurecido daquela mulher que, com mais de 60 anos, coordenava uma equipe de trabalhadores na requalificação desse espaço. As obras duraram de 1977 a 1986.

⁵ Nome utilizado pela unidade como memória da antiga utilização do espaço, o termo fábrica, referência a trabalho, agora como espaço de produção cultural, dedicada aos indivíduos.

⁶ Relato de Lina Bo Bardi disponível em: <http://oficinas.sescsp.org.br/historia>.

⁷ No mesmo período conviviam na unidade Pompéia do Sesc a equipe da Residência Educativa e a equipe da exposição "Guilherme Vaz - uma fração do infinito", nela a equipe era composta por educadores, supervisores administrativos e coordenação de empresa em Arte educação.

⁸ Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo, realizou o tombamento na região da Lapa e Pompéia, referências arquitetônicas e urbanísticas do período industrial da região, sendo na Fábrica de Tambores dos irmãos Mauser (unidade Sesc Pompéia), os galpões fabris.

⁹ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Tombamento da unidade Sesc Pompéia como patrimônio material e imaterial.

Referências

BEUYS, Joseph. *'I am Searching for Field Character'* (1973), in Carin Kuoni, ed., *Energy Plan for the Western Man: Joseph Beuys in America* (New York: Four Walls Eight Windows, 1990) 21–3.

CAMACHI, Cibele. *A poética do educador*. por um projeto de residência educativa. Monografia. USP São Paulo, 2017. 29 páginas.

CORTELLA, Mario Sérgio. *Qual é a tua obra?* Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. Petrópolis, RJ: Vozes, 24ª ed., 2017.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa*. 49ª ed. Rio de Janeiro - Paz & Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 58ª ed. Rio de Janeiro - Paz & Terra, 2014.

VELASQUEZ, Carolina e ZECHINATO, Bianca. *Tessitura criativa: o artista educador como proponente de processos*. In: 24º Encontro Nacional ANPAP. Belo Horizonte, p. 669-683. 2015. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2015/comites/ceav/bianca_zechinato_carolina_suarez.pdf

Bianca Panigassi Zechinato

Mestra em Processos e Procedimentos Artísticos pela UNESP (2016) graduou-se pela mesma universidade em Artes Visuais (2013). Atua como artista educadora desde 2010 pela Fundação Bienal de São Paulo e rede SESC, destacando os projetos: *Terra Comunal: Marina Abramovic* (2015) e *Residência educativa no Sesc Pompéia* (2017). Atua como professora de artes e é integrante do Coletivo Deriva, sua pesquisa tem foco em processo criativo, percurso e criação de lugar.